

Demônio de Mulher

Raschin Amelê



Amelê escreve como vive a
personagem: perigosamente.

Com seu estilo bombástico,
arrisca-se a cair na desgraça
literária. Mas não cai. Ao
contrário: nos envolve
artisticamente do início ao fim.

A personagem, por sua vez,
vive no limite e... sobrevive. E
ela é forte. Mais forte que o
autor. Toma conta da voz
narrativa.

Amelê é seduzido por Kninana.

Um demônio de mulher.

**Para ler o texto de
Raschin Amelê**



A primeira frase engana. Não há pornografia e nem mesmo erotismo em *Demônio de Mulher*. Raschin Amelê *reduz* o que deveria ser *um romance de centenas de páginas a uma curtíssima novela*. Para tanto, retrata através de *fragmentos* a vida de uma bela mulher criada em abandono numa favela.

O que fazer? Entregar-se como prostituta aos *muchos machos hombres*? Ou lutar com pedra na mão como os meninos da vila?

Evolução da Personagem No Posto

O texto inicia bombástico, bizarro, bélico. Porém, finaliza com

“...vontade de chorar. Muita vontade”.

Na Noite Escura

A personagem enfrenta homens com soqueira, dorme com faca embaixo do travesseiro. À noite, sozinha na sua meia-água, noite escura com garoa, sente a indiferença do mundo e questiona seu comportamento.

No Acampamento

Precisa ainda se afirmar como capaz de enfrentar todo e qualquer bando de homens machos. E enfrenta! Depois, identifica-se com o cavalo correndo “encharcado, perdido, sem rumo”.

Na Estrada

Numa lancharia à beira da estrada, da estrada da vida, verbaliza seu drama. Sua vida tem sido, até então, apenas e somente uma luta para não se tornar prostituta.

Na Ponte

No lugar mais distante de sua cidade, e de sua vida, percebe estar no caminho e na posição errada. "Fique embaixo de uma macieira na primavera e não verá nenhuma maçã. Nem conseguirá uma balançando ou subindo na árvore".

Na Barca

A personagem percebe em si o desejo de se apaixonar. Como Tomagra, personagem de Ítalo Calvino que acaba de ler, sonha um encontro. Timido encontro, com gestos separados da consciência. O ambiente reflete seu quase pânico interior: as ondas batem fortes nas vidraças da barca. A chuva cai torrencial e há um assustador ratabraam!

No Pesadelo

No sonho revela o desejo de superar a fase (necessária) do enfrentamento. A Kninana é degolada (as

cobras não são mortas assim?). Porém, sente pânico ao ver-se sem essa identidade. Mas segue em sua evolução e enxerga um homem com outro olhar. E quem sabe, pela primeira vez, percebe vantagem em ser vista como “mulher tão linda”. Os doces que havia comprado em Pelotas? “Deu todos para as crianças da vila”.

Na Praça e Na Festa

Ela mesma se enfeita para o seu casamento. Aprendera a ser só. Festa sem convidados. Pode confiar que o marido não é um *mucho macho*? Encontrou finalmente “um cara com pau grande de verdade?!” Poderá se chamar de Nana e não mais Kninana?

Tranquiliza-se: “Ninguém abre mão de habiliddes aprendidas”.

EDITOR

RASCHIN AMELÊ

DEMÔNIO DE MULHER



Passo Fundo
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projeto passo fundo .com.br
e-mail para contato: projeto passo fundo @gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-CompartilhaQual 3.0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em:

Capa e ilustrações de: M.L.A.S.M.

Revisão de português conforme a nova ortografia do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa da CPLP/2009. Fernanda Giachini.

Copyright 2014 Projeto Passo Fundo.

Registrado no EDA da Fundação Biblioteca Nacional MCA

A498d Amelê, Raschin

Demônio de mulher [recurso eletrônico] /
Amelê Raschin. – Passo Fundo : Projeto Passo
Fundo, 2014.

420 KB ; PDF.

ISBN 978-85-8326-085-1

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projeto passo fundo .com.br>>.

Título. 1. Literatura brasileira. 2. Novela. I.

CDU: 869.0(81)-32

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

NO POSTO.....	5
NA NOITE ESCURA	14
NO ACAMPAMENTO.....	18
NA PONTE	32
NO PESADELO.....	46
NA PRAÇA	53
NA FESTA.....	58

NO POSTO

- Por quê, porra, eu nunca acho um cara com pau grande de verdade?!

Os olhares, todos, lançaram-se para a loira. Metro e oitenta. Coxas exuberantes. Bunda arrebitada. Olhares pasmosos. Ela deve ter entendido como encabulados, pois mais uma vez gritou:

- Por quê, porra, eu nunca acho um cara com pau grande de verdade?!

A loira logo perceberia seu engano. A turma do posto de combustíveis de sexta à noite era desencabulada e curtida em horas e horas de escuta a berros e obscenidades. Tanto os guris como as gurias eram todos descolados.

Os tios conseguiam ser piores. Estacionavam poderosas Harley Davidson e, de cima de seus quarenta anos e de suas carteiras recheadas, asselvajavam o ambiente com causos sobre pescarias no pantanal e sexo a três.

Ela nunca saberia se os guris e as gurias ouviam por interesse aqueles dinossauros, como os denominaria, ou se ouviam devido ao que ganhavam por ouvi-los: rodadas e rodadas gratuitas de long neck. Após doses e doses de whisky, eles enchiam com cerveja os buchos da menina.

A loira era o tipo de mulher que todos sonhavam um dia matar. *Matar*, expressão usada por aquele bando de machos os quais ela iria destemida e loucamente enfrentar.

- Você aí! – apontou ela para um garoto de brinco azul e espinhas aos montões.

- Eu?!

- Diga logo! Quantos centímetros?

- Sei lá... uns dezesseis...

- O quê?! – refutou agarrando firme com a mão esquerda o pescoço magricela do guri.

Com mãos decididas desafiou a cinta do magrela, abriu a braguilha e baixou suas calças. Como estava sem cuecas, o pinto do espinhento apareceu.

Liberando o pescoço do semipelado guri, afastou dois passos buscando melhor ângulo de visão:

- Porra! Dezesseis centímetros coisa nenhuma! É um desses quase-anão! – desdenhou acertando uma cusparada no encolhido e encabulado tico.

- Que pontaria! - admirou Zé, gerente do posto, um uruguaio atarracado, de feições paulificadas e de idade símel a dos dinossauros das motos.

- Para! Para! – esbravejou a irmã do guri de pinto cuspidor repetidas vezes, adiantando-se aos demais e trazendo pela mão, aparentemente a contragosto, o namorado cabeludão.

- O quê?!

- Para! Para! – insistiu com voz trêmula a nervosa menina vestida de jardineira.

- Tudo bem, eu avalio já o cipó do seu bebê!

Com uma única mãozada a bermuda multicolor do cabeludão namorado da irmã do guri de pinto cuspidor se dividiu em duas.

- Olhem se isso é tamanho!

A maioria sacudiu negativamente a cabeça.

- Próximo!

Ninguém se apresentou.

- E você?!

- Eu? O meu não é tão grande – admitiu o guri de boné com o distintivo do Grêmio.

- Gostaria que fosse maior?

- Pode ser... é, gostaria. Se bem que... eu me divirto bem...

- Escutem! Escutem! Silêncio! Vendo kits de tratamento para engrandecimento peniano. Escrevam o e-mail numa nota de dez pilas e amanhã vocês já recebem instruções do exercício primeiro.

As opiniões foram convergindo para a assertiva de que “dez pilas não é nada”. O dinheiro começou a entrar no bolso da frente da

bermuda da loira. Não era dessas de guardar grana entre os seios.

Aliás, os seus, redondos, rijos, estavam cobertos apenas por uma tira azul. Barriga de fora, umbigo de fora, costas nuas, coxas ao vento. E salto fino e alto.

- Ei! Loirona! – gritou o tio-dinossauro sentado numa Rocket III. – Faço um trato!

- Fala logo!

- Se a minha mangueira te impressionar... garupa e motel. Afinal você é uma loiraça boa de matar!

- E se não me impressionar?

- Eu pago os dez pilas.

- Ah! Um mucho macho hombre!

- Temos um problema. Se eu exponho a mercadoria aqui, posso ser processado por atentado violento ao pudor. E já não sou réu primário.

Observando-o de perto, rosto bem iluminado pelas fortes luzes do posto, a loira ironizou:

- É o Hagar! Cara, você é o Hagar!

Alguns riram.

- Vamos avaliar o cipó do Hagar! Apalpo pegando no pano da cueca. Hum! Aqui tem alguma coisa...

- Ah tio, hein! – bradou uma das meninas.

- Será que o tico cresce ao longo do processo de envelhecimento? – refletiu em voz alta outra das meninas.

- Ele afrouxa, desatreia – explicou Zé.

- Trato é trato. Suba! – exigiu Hagar.

- Não ando de moto.

- Mas não é uma moto, é uma Triumph Rocket III!

- É moto.

Nada mais fácil do que sair com o carro de um daqueles guris em troca do empréstimo do banco da Rocket III. Aliás, a única Rocket III. As outras, quase todas, eram Harley Davidson, modelos Heritage Softail e Road King.

Não haviam andado cem metros quando a loira abriu a braguilha da calça do tio e vociferou:

- É prótese!

- Pare de puxar!

O tio pisou no freio! Agarrou o punho da vendedora. Buzinas, muitas buzinas.

- Larga! – o tio engatou ré e, por entre luzes altas e buzinaços, acelerou de volta ao posto.

Conseguindo desvencilhar-se da loira, em rápidas passadas cruzou pelos guris e pelas gurias e se fechou no banheiro.

- Vou arrebentar a porra desta porta e arrancar essa prótese!

- Zé! A loirona é louca! – afirmou Hagar.

- Vou abrir a porta e dar uma porrada nessa vadia!

- Acho bom não – ponderou o Zé. – A lei Maria da Penha... cadeia na certa.

Os dinossauros das motos tilintando seus copos de whisky se juntaram à plateia formada pelos guris e pelas gurias.

- Confesse que é prótese e pague os dez pilas!

- Acho que tou mijando sangue!

A vendedora de kit para engrandecimento peniano recuou até junto à primeira bomba. Ganhou velocidade e jogou-se contra a porta, conseguindo apenas um pequeno racho.

- Dá uma porrada na vadia e joga ela na rua – berrou o tio de dentro do banheiro.

- Maria da Penha... – lembrou Zé.

- Acho que é sangue!

- Tio, pode ser whisky – opinou a menina sardenta.

- Vou acabar com a porra deste posto! – voltou à carga a vendedora jogando-se contra a porta, rachando-a em mais um pedaço.

- É a Caninana!! – exclamou um guri.

- *Spilotes pullatus* – corrigiu outro que estudava biologia.

- Kninana! Com K – brincou Zé.

A lua nova foi testemunha da incondicional rendição do tio-dinossauro. O Hagar da Rocquet III, o mucho macho hombre, pagou.

Tomando um táxi, Kninana ordenou:

- Rodoviária.

Havia bastante trânsito na Av. Sete de Setembro. O coração batia forte, quase em disparada. Baixou o vidro e pôs o rosto ao vento. Abriu a boca, o ar penetrou violento. Suas bochechas pareciam explodir. Retornou a cabeça ao encosto do assento e se aquietou. Teve vontade de chorar. Muita vontade.

NA NOITE ESCURA

Kninana jogou mais um paralelepípedo no vidro dianteiro do automóvel. Um rapaz atarracado veio às pressas e aos gritos:

- Meu carro!!! Sua puta de merda!!!

Atrás dele, um homem de meia-idade caminhava apressado com o braço esticado, dirigido em diagonal para o chão e em cuja mão se via um revólver.

- Você atropelou e matou a cachorrinha da Maiara, minha vizinha, e não deu a mínima – explicou Kninana. - Ela criou o porquinho da Maiara...

- Agarre essa louca! – ordenou o homem do revólver.

Um murro dado por Kninana o nocauteou. O rapaz atarracado também levou o seu. Rolou sobre o capô do automóvel antes de atingir o chão.

As portas das casas começaram a abrir. Kninana guardou no bolso a soqueira e correu.

Deitada na cama, esperou a respiração silenciar. Apalpou: a faca, companhia das noites solitárias, estava sim embaixo do travesseiro.

Batidas na porta.

- Seu Pinheiro?! Entre.

- Hoje não venho como colega de vila.

Venho como policial. Você esmurrou...

- É flagrante, inspetor. Prisão em flagrante! – intrometeu-se o homem do revólver.

- Pode ser que eu tenha surrado uns caras... pode ser...

- Agrediu à traição e com soqueira! – insistiu o nocauteado.

- Quando? – perguntou o inspetor

- Há cerca de uma hora... – respondeu o agredido.

- Ele matou a cachorra de estimação da Maiara.

- Da Maiara...? A cachorra que criou o porquinho? – perguntou o policial.

Kninana reparou a calça azul desbotada, a camisa gasta, o ar cansado do policial. Os

pobres se ajudam, concluiu confiante. Sabia da dificuldade dele para sustentar com dignidade a mulher e os dois filhos. Um, inclusive, sofria da síndrome de Down.

Crescera vendo-o sair de casa bem no horário da caminhada para a escola. Com oito ou nove anos começara a cumprimentá-lo: “Bom dia, Seu Pinheiro”.

- Matar um animal é, hoje em dia, crime pior... – comentou o policial.

- Vocês me pagam – ameaçou o homem nocauteado ao retirar-se batendo a porta.

Com olhar doce e sorriso encabulado, Kninana tentou agradecer o velho conhecido das manhãs dos tempos de escola.

Colocou a tranca na porta. Recostou-se no sofá. Alguns quadros quietos na parede.

Acordou pela madrugada com a mão doendo. Sentou-se na pequena escada de madeira da única porta da meia-água em que morava de aluguel.

Precisava ser mais profissional, repreendeu-se. De que adiantava viajar a Pelotas, gastar comprando doces se, em vez de vendê-los, acabava dando para as crianças da vila? Como pagar as contas?

Noite escura, com garoa.

Por que entrara naquele posto em Passo Fundo gritando...?

Na rua, cães ladravam alto. Ouviu também um silvo e teve a impressão de que toda a indiferença do mundo se lançava sobre ela.

NO ACAMPAMENTO

Impelida por uma desconhecida razão interior, escorou num tronco a sacola com os quadros de santos que pretendia vender aos colonos, ajeitou a tirinha que cobria os seios e avançou rumo ao palco.

Por mais que empurrasse um, que colocasse o ombro na frente de outro, mantinha a sensação de imobilidade. Parecia ultrapassar sempre os mesmos.

Voz rouca ocupava o microfone:

- Nosso partido não dirige os movimentos sociais! A reforma agrária tem força por si mesma!

Alcançando um lugar próximo ao palco, Kninana gritou a plenos pulmões:

- Por quê, porra, eu nunca acho um cara com pau grande de verdade?!

- Companheira! Companheira! Não entendi o que falou a companheira. Suba ao

palco! Neste país, ninguém ouve tanto as companheiras como nosso partido.

Alguns abriram espaço. Houve quem dificultasse.

Içada ao palco, Kninana bradou ao microfone:

- Por quê, porra, eu nunca acho um cara com pau grande de verdade?!

Silêncio total! Até os quero-queros pareceram engolir em seco.

- A companheira poderia repetir a pergunta.

- Posso.

E aproximando ainda mais a garganta ao microfone, bradou:

- Por quê, porra, eu nunca acho um cara com pau grande de verdade?!

- Não é uma pulga desavergonhada como essa que vai nos humilhá!!! – intrometeu-se um homem de bombacha.

Nuvens grossas de chuva pairavam sobre o acampamento.

- Ah! Um mucho macho hombre?! – ironizou Kninana.

- Inço amarelado desenvolvido nas estufas de uma multinacional qualquer!

- Multinacional?! – reagiu Kninana, dividindo com uma única mãozada a bombacha do mucho macho.

E virando-se para a plateia ironizou:

- Olhem se isso é tamanho!?

Alguns colocaram a mão na testa imitando aba de boné para enxergar melhor o cipó do companheiro.

Silêncio só desrespeitado por quero-queros e por indignadas acusações:

- Vadia!! Inço!! Burguesa filha da puta!

Sobre as cabeças pairava um ar imóvel, quente, abrasante e tão pesado que se deixava ver, como se fosse algo em estado sólido.

Do palco, Kninana viu chuva no entorno do acampamento. Nele, não, apesar da chuva tentar. Entre as nuvens e os acampados, gotas evaporavam ao tocar no ar refervente que

ascendia. Precipitavam-se de novo. De novo refluíam.

Cães mordiam o ar. Certamente queriam engolir mosquitos.

O bombachudo desistiu da tentativa de unir sua dividida bombacha, agarrou o microfone e ordenou com voz impossível de ser desobedecida:

- Peguem a louca!

De pronto, uma bomba d'água despencou sobre a multidão. A barafunda facilitou a fuga de Kninana. Conseguiu carona para Ronda Alta.

Da janela do carro, iluminado pelo clarão de relâmpago, viu um cavalo desmontado a galope. Encharcado, perdido, sem rumo.

NA ESTRADA

Kninana caminhava ao longo da linha Cherry Tree. À direita a água, à esquerda a fileira de cerejeiras em flor, branco-rosa.

A mochila, a cada passo, batia em sua bunda. Como se me jogassem uma sucessão interminável de bolas de basquete, pensou.

- Opa!

- Perdón!

- Quem fala “perdón”, americano não é – afirmou dirigindo-se ao homem de barba por fazer e rosto emagrecido que acabara de se chocar com ela.

Logo estava na Mercedes deste que se dissera mexicano. Como ela, pretendia deixar Washington e viajar à Nova Iorque. Observando a magreza dele e o hábito de acender um cigarro no outro, lascou:

- Seu pulmão aguenta até Nova Iorque? Vou avisando: não sou prostituta. Só quero carona até o La Guardia.

- Ah! Entonces... no prostituta...

As placas informativas iam ficando para trás: New Hampshire, Oak View, route 495, route 95...

- Não invente de me levar a um motel!

- Te va a gustar. Tengo um montón de dinero.

Vendo mais a frente posto de gasolina com restaurante arriscou:

- Necesito ir ao banheiro.

- El placer de la velocidad!

A Mercedes cruzou o local como se fosse um avião.

- Voy a pagar bien.

- Cara! Você é burro?!

- Una pistola en la cabeza?

- Cara! Você é debiloide! Você teria de me seduzir. Inventar alguma história semelhante à minha história. Eu ficaria sensibilizada. Porra! Me dá um cigarro!

Kninana arrancou a carteira do bolso da camisa do Magrão.

- Calma! – gritou ele fazendo o carro ziguezaguear.

Acendeu o cigarro com um isqueiro que encontrou no porta-luvas. Tragou. Tossiu. Jogou o cigarro pela janela. Respirou fundo. Desprendeu-se do cinto de segurança e escorou as costas na porta do carro.

De repente, em movimento súbito, ergueu as pernas para cima do banco e, com toda a força, jogou-as em direção ao rosto do Magrão!

O salto do sapato do pé direito atravessou uma de suas bochechas! O outro cravou um pouco atrás do olho.

A Mercedes correu por sobre a grama do canteiro do meio, passou por cima de uma pedra provocando um estrondo! Vidros trincados! Fumaça!

Kninana saiu às pressas pela janela. De relance, viu seus sapatos enterrados no rosto do inerte Magrão.

A buzina disparara e soava ininterrupta. Para Kninana, assim como as baleias, a Mercedes também emitia seu triste canto de despedida.

Descalça, andou na velocidade que pôde. A buzina a angustiava a ponto de com as mãos tapar os ouvidos.

Decidiu caminhar em direção a Washington. Andando no sentido inverso, a polícia não iria relacioná-la ao acidente.

Automóveis e caminhões passavam a toda velocidade. Trouxera a mochila, devia tê-la pego num gesto automático. Ainda ouvia a buzina da Mercedes.

Caminhava sem parar. Doía um pouco a cabeça atrás da orelha, onde apalpara um abaulamento pequeno.

A freada brusca de um carro fez seu coração disparar. Ufa! Não era a polícia! Eram três rapazes a lhe chamar num Cabriolet sem capota. Pulou para o banco de trás.

Como sempre acontece quando há um acidente para ver, a velocidade dos carros diminuiu. Viaturas da polícia, ambulâncias, a buzina se aquietara. A Mercedes estava morta, pensou Kninana escorando a cabeça no banco e fechando os olhos.

Os rapazes, entretidos no baseado e no pó, a ignoravam. O vento brincava com seus cabelos. Adormeceu.

- After cocaine... no sex...

Acordada pela frase do rapaz a seu lado, percebeu que a desejavam fora do carro.

- Okay... no sex... take me to La Guadia... yes... La Guardia... airport...

O Cabriolet parou no acostamento. Um dos rapazes desceu. Puxada pelos cabelos, Kninana, quando deu por si, estava estirada na rodovia. A mochila a seu lado.

Com a mochila às costas, não precisou caminhar muito e encontrou uma área de estacionamento com posto e restaurante.

Homens desciam das cabines dos caminhões. Outros subiam. Alguns assobiavam para ela e faziam com as mãos sinal de “venha cá!”.

No vaso sanitário do banheiro, pensamentos em turbilhão a acusavam de assassina. Lavou as mãos e o rosto na pia e saiu para o corredor.

Com um soco tentou roubar numa máquina uma lata de refrigerante. A mão doeu. Tentou de novo. Não conseguiu.

- Porra!

- Maldición?

Virou-se:

- Boogie, argentino. Não se alarme! Brasileira?

- Tá na minha cara? Ou no meu corpo?

Numa mesa da lancheria, Boogie ficou sabendo: Kninana viera a Washington com as despesas pagas por casal que a queria como babá de suas crianças.

- Apitei a campainha. O casal abriu a porta. O homem sorriu, a mulher, brasileira casada com americano, ficou séria. Irritada, gritou: “Babá com um corpão desses, nem falar”! A filha da puta bateu a porta na minha cara.

- E...?

- Saí a caminhar pela Cherry Tree, peguei carona com um mexicano, depois com uns roqueiros. E agora um argentino vai me levar ao aeroporto... vai me comprar uns tênis... não vai?

- E também vou deixar meu cartão. Sou do cinema. Você preenche os requisitos: é uma loira linda, lindíssima, e sabe dizer palavrão.

- Cinema? Não me diga que você também quer me comer! Quer me pagar com ilusão?

- Não, não! Quem trabalha no cinema tem mulher de sobra.

- Eu vim da miséria, sem pai nem mãe, minha vizinha Maiara me criou. Mais ou menos me criou. Ela é louca de internar. Mas eu

retribuí. Dei soco de soqueira nos caras que mataram a cachorra dela. A cachorra criou o porquinho da Maiara. Meu único objetivo na vida, se interessa saber, é não ser prostituta. Não sei quantos vezes já ouvi... antes me diga se minha bunda chamou tua atenção...

- Cheinha. Rebitada. Chamou sim.

- Inúmeras vezes fui repreendida: “É pobre porque é burra! Tá sentada em cima do dinheiro e não aproveita. Vai dar de graça pro pobretão de um namorado...”

- Você namora?

- Se eu tenho namorado? Comecei a sair com um cara que me deu boa impressão.

- Para dar boa impressão é necessário...?

Kninana sinalizou com a mão pedindo um tempo, estava mastigando o pastel.

- Numa mesa assim como esta, a primeira coisa que vi no Claudião foi cabelo dentro da narina. Lasquei: “Por que você não tira o pelinho do nariz?” “Se você me emprestar sua faca eu tiro agora”. Eu emprestei e ele tirou.

- Cuchillo... sucio...

- Reclamei: “Por que você não usou a sua faca?” “Li que ranho tem colesterol” “E eu? Quer que eu ponha na boca essa nojeira?” “Quero que você ponha na boca outra coisa”.

Boogie sorriu.

- Contra-ataquei, fazendo o sinal de coisinha pequena com os dois dedos pouco afastados. E ele: “Me passa a sua faca de novo!” Obedeci automaticamente. Ele pôs a faca com as duas mãos por debaixo da toalha da mesa, mexeu-se na cadeira algumas vezes e depois trouxe a faca de volta. “Estendi ele por sobre a faca... Tchê! Passou um pouco. Maior que a faca ele é”.

- Uma atriz nata!

- Pedimos dois camparis e concordamos em dividir um prato. Claudião também não deve ter grana. Suspirou: “Gata, eu quero te comer”. Tirou do bolso uma caixa de Viagra. Retirou um comprimido. Abriu bem a boca, ergueu o mais que pôde o braço e largou lá de cima o

comprimido. Bem na garganta, desceu direto. “Precisa disso?!” “É pra punheta, caso você não queira me dar. Porque de punheta já estou de saco cheio, só com Viagra”.

Boogie soltou uma gargalhada:

- E...? Deu...?

- Boogie... você tem mandíbula de buldogue! Reparou?

NA PONTE

Jogada sobre uma poltrona, cansada de esperar, observava enfadada o quanto a curvatura da parede se harmonizava com o forro, também curvo. O reflexo das luminárias no tom azul do ambiente dava-lhe a sensação de estar no interior de um navio de turismo e não no saguão do Hotel Yangtze de Shangai.

Finalmente Boogie, com sua mandíbula a buldogue e um cigarro na boca, a colocou num táxi ali mesmo na rua Yan An Xi Road e a enviou ao setting de filmagem.

Boogie dissera-se a serviço de Hurt, diretor-executivo do consórcio chino-alemão produtor da película. Janene, o ator principal, estava em choque com os alemães e com os chineses e até mesmo com Lin Piu, ator japonês que faria o papel do general. Janene era norte-americano, filho de Quirk, um famosíssimo ator.

Quirk aceitara realizar o último filme de sua vida com este mesmo consórcio chino-

alemão com a condição de seu filho ser o astro de *A curva gloriosa*. Portanto, teriam de administrar Janene.

No setting de filmagem, Kninana viu Janene sendo empurrado pelos atores vestidos de soldados japoneses até junto a um carro militar. Foi apalpado minuciosamente. Perguntas foram feitas. Ele não respondeu. Mandaram-no entrar na direção do carro. Um soldado sentou-se a seu lado, outro atrás. Deram-lhe ordens cutucando sua testa e sua nuca com o cano de armas.

Janene, em ré acelerada, retirou o carro da garagem. Freou bruscamente. Ato contínuo, arrancou com violência. Alemães e chineses correram e fecharam os portões. Janene teve de frear para não bater. A metade da borracha dos pneus grudou no chão empedrado.

Janene desceu, gritou algumas coisas em inglês. Não respeitava o roteiro e era visível o quanto se tornara intratável e até mesmo perigoso.

Na janta, com o cardápio na mão, Janene contou do que restou do casamento com uma mulher portuguesa e loira: o idioma e a saudade. A saudade o desfojava de seu trabalho de ator.

- Temos de vestir nosso personagem por inteiro, nos transformarmos nele e sermos até mais vigorosos que ele.

Olhos escuros e penetrantes, nariz fino, feições firmes, seguras, de quem comanda todo e qualquer grupo onde se inserir.

- Você janta com Wu-Pei-Li, meu personagem, motorista de profissão, preso aqui em Shanghai na Segunda Guerra pelo exército japonês. Sou Wu-Pei-Li! Escolhi o prato mais barato do cardápio. Durmo no chão do quarto e passo frio.

Kninana entendeu seu papel: dublê da ex-mulher de Janene.

- Na época da Segunda Guerra – continuou –, poucos sabiam dirigir e menos ainda pela povoada Shanghai. Quando

descobriam um motorista em meio aos chineses presos, este era obrigado a dirigir.

Com as mãos em concha cobre o rosto.

- O alemão que escreveu o roteiro não passa de um asno. O chinês que se julga diretor é uma anta. E o cão do Lin Piu anda me evitando.

De um gole secou o copo.

- Os filhos de atores.... bêbados... atores medíocres. Raros os que revelaram brilho próprio. Já o filho de Quirk, no caso eu, em *A curva gloriosa* se construirá um gênio!

Kninana, aliviada por não lhe exigirem ser dublê de ex-esposa na cama, dormiu cedo.

No dia seguinte, os atores vestiam roupas militares. Kninana, entretanto, permanecia com a mesma bermuda, a tira estreita cobrindo os seios, costas nuas, umbigo de fora...

Enquanto carregava os lábios com um vermelho vivo, viu arrastarem Janene, quer dizer

Wu-Pei-Li, para as garagens. Tudo estava sendo filmado.

Os canos de fuzis se afastaram, Kninana foi colocada no banco de trás do carro militar. Deram ordens a Wu-Pei-Li e saíram à rua.

O prisioneiro motorista chinês atropelou três ciclistas.

Estacionaram no que seria o quartel-general japonês. Um oficial do Estado-Maior, o ator japonês que tanto evitara Janene, e um que fazia papel de ordenança, meteram-se no carro.

Com tanta gente, Loiraça, como Janene agora a chamava, fora espremida num canto.

- A toda velocidade! – gritou o ator-japonês-general.

Irritado, Janene, quer dizer Wu-Pei-Li, tocou a buzina. Que maquiagem! Um gringo virou um chinês! Admirou Loiraça.

Wu-Pei-Li de novo tocou a buzina. Em outros carros seguia uma parafernália ambulante: câmeras de filmar, holofotes, diretor de fotografia, diretor de cena...

Janene devia estar muito irritado com o ator-general-japonês, pois acelerava em demasia e não tirava a mão da buzina. Passavam ao longo de um canal.

Janene, quer dizer Wu-Pei-Li, percebia os revólveres ainda mais próximos de sua cabeça. Os japoneses controlavam cada um dos seus gestos, mas não podiam fazer coisa alguma com os seus pensamentos.

Um solavanco fez piorar a gritaria dentro do carro. Tudo indicava que o clímax estava próximo. Quando o carro começou a cruzar uma ponte, Kninana, nervosa, gritou a todo pulmão:

- Why fuck I never acho one cara with one pau big of verity?

- Fuck! – espantou-se Wu-Pei-Li.

- Why fuck I never acho one cara with one pau big of verity?

- Fuck!

De súbito, num golpe só, Janene, o filho de Quirk, o prisioneiro motorista chinês, virou a

direção do carro para a esquerda e todos afundaram no rio...

Kninana emitiu um som gutural e procurou refugiar-se, enfiando a cabeça embaixo do travesseiro da cama do hospital. Uma voz invadiu seu cérebro e a fez abrir os olhos. Pouco a pouco tomava consciência de um rosto de homem com mandíbula a buldogue e cigarro na boca.

- Boogie, escuta aqui, Boogie... a zonzera passou. Mas... me sinto ainda meio afogada – tossiu Kninana. - Desculpe ter estragado a superprodução com aquela frase...

- Que frase?

- Aquela que fez Janene jogar o carro da ponte.

- Você não leu o roteiro?

- Não.

- Nunca leu o conto de Natty Radvany?

“Uma curva gloriosa que se gravou para sempre na memória do povo”.

- Não.

- O motorista chinês foi herói. De propósito, jogou o carro com o general japonês no rio. Coisas da Segunda Guerra.

- Quer dizer que independente de minha frase...

No trajeto de táxi do hospital ao hotel, não se decidia: deveria ficar alegre ou decepcionada por não ter sido responsável pelo que houve?

No hotel, recebeu o pagamento.

- Boogie! Só isso de dinheiro?! Porra! Mas... tudo bem. Vou aparecer num filme.

- Não vai.

- Como não? Fui filmada...

- Sua imagem será deletada.

- Deletada?

- Uma loiraça como você naquele carro militar? Naquela época? Sua função era distrair Janene. Ele exigia uma loira perto dele.

No saguão do Hotel Yangtze, jogada sobre uma poltrona, concluiu pelo óbvio: não seria atriz.

Sem profissão definida, sem família, solteira, caçada pelos machos, sempre à beira de se prostituir, a triste Kninana procurou uma leitura para se distrair.

“Pare de procurar e encontrará”. O autor, Lao Tsé, didaticamente explicava: “Fique embaixo de uma macieira na primavera e não verá nenhuma maçã. Nem conseguirá uma balançando ou subindo na árvore. Fique embaixo da mesma macieira no outono e maçãs maduras cairão em suas mãos”.

O texto escorregou do colo de Kninana...

NA BARCA

Lentamente arrumou a mochila. Cada movimento requeria uma preleção do tipo “reaja”, “ânimo”. Deixou o hotel esperançosa: teria energia sem precisar se transformar em Kninana.

Aproveitando que passava em frente a uma papelaria, entrou a procura de algum livro. Demorou-se um pouco por ali, devido não só à falta de ânimo, mas também à leitura de alguns trechos de *Aventura de um soldado*, de Ítalo Calvino. Com pouco dinheiro, desistiu de comprar.

Ocupada em organizar confusos pensamentos, tão confusos que não conseguia expressá-los, esperou cerca de meia hora numa fila e tomou o bondinho do Pão-de-Açúcar. Um comerciante de Serafina Correa lhe encomendara quadros sobre a paisagem que se via de lá.

Desceu na primeira parada, no Morro da Urca. Andou pelas lojinhas de souvenirs, observou o heliporto, viu a chegada de um helicóptero pequeno e sentou-se junto a uma mesa do restaurante bem próxima ao parapeito de onde se divisava, lá embaixo, o Aeroporto Santos Dumont.

Admitia que Kninana poderia ter uma função pública: educar homens e mulheres a superar a agressiva e infelicitante cultura machista. Mas não era papel que cabia a ela, uma pessoa desimportante. Se tivesse acesso aos meios de comunicação, se fosse dessas pessoas que dão entrevistas, aí sim.

Arrastou uma cadeira para junto do parapeito. Fincou os cotovelos nele e descansou o rosto nas mãos. “Pare de procurar e encontrará”, lembrou do ensinamento chinês.

Labaredas vermelhas e trêmulas nas areias de uma praia bem distante prenderam o olhar de Kninana. Seria uma fogueira ou flâmulas vermelhas dependuras a tremer pela

força do vento? Tinha a impressão de que eram flâmulas e de que elas lhe faziam sinais.

Abandonou a Urca.

De ônibus, chegou ao ancoradouro de onde partem as barcas Rio-Niterói. Entrou numa.

Seus olhos, que pareciam contemplar alguma coisa além das coisas deste mundo, principiaram a enxergar a silhueta de um homem. Pouco a pouco, a silhueta deixou de ser silhueta; logo nem imagem mais era, era um homem real, moreno, sentado a sua frente com um sorriso amigável em lábios bem definidos, “olhiridente”, lembrou-se de ter lido essa palavra em algum lugar.

Imaginou-se sentada ao lado do homem. Como Tomagra, personagem de Ítalo Calvino que acabara de ler, contrairia o músculo da barriga da perna convertendo-o num punho cerrado. Com esse punho de perna, como se lá dentro uma mão quisesse se abrir, bateria na barriga da perna do homem moreno. Um

movimento rápido, apenas o tempo de um jogo de tendões. E, o mais importante, o homem moreno não recuaria.

Apoiaria a cabeça no encosto e fecharia os olhos. Um álibi. Seus gestos poderiam ser interpretados como separados da consciência, aflorados do sono. Então, sua mão esquerda cairia sobre a coxa dura de seu vizinho de banco. O mais importante: ele não recuaria. E assim, com os pingos da chuva batendo com força nas vidraças da Barca Rio-Niterói, Kninana se apaixonou.

Um silvo enérgico! Uma brecada! O brusco balanço deslocou todos em seus bancos.

As águas da baía da Guanabara estavam agitadas com a chuva torrencial.

Ratabraam!!!

Trovão? Não bastava o susto provocado pela batida forte das ondas contra os vidros da barca?

O celular chamou:

- Claudião? É você?

Pouco conseguia ouvir. A tudo respondia com um sim...

NO PESADELO

Lençol amassado, colcha caída ao chão, travesseiro transformado numa bola, não conseguia relaxar no hotel simples e barato em que se hospedara em Pelotas. Levantou-se, sentou-se à janela, voltou a se deitar, desta vez tapando o rosto com o travesseiro.

Dormiu um sono superficial e intermitente e, pela manhã, levantou-se com um peso nos ombros, como se duas mãos poderosas empurrassem suas clavículas contra o chão.

Vou comprar e vender comida, concluiu. Por que pobre gosta de encher a barriga? Ora, simples, respondeu para si. Por não ter recursos para encher a vida com outras coisas...

Ingeriu café preto. Além da azia, quem sabe conseguiria ânimo.

Passava das dez quando deixou o hotel.

Arrastou-se pelas ruas carregando a mochila, a sacola com os doces e a melancolia.

Na rodoviária, decidiu-se pelo ônibus de Santa Maria. Compraria sapatos para vender. Ah! Jantaria com Claudião, ele estaria lá.

Mal começou a viagem e Kninana adormeceu. Sono agitado, a cabeça caía, o pescoço doía. Sem forças até para acordar. De repente, pulou como uma mola para o corredor do ônibus. A energia retornou ao seu organismo de chofre! Conseguiu, em dois ou três saltos, alcançar a cabine do motorista. Voltou a passos lentos ao seu banco, sob o olhar assustado de seus companheiros de viagem.

Recostada, lembrou-se do pesadelo que a acordara naquele pânico. “Ainda não sabe qual tipo de degola? Não aproveita esse direito de escolha que te dou?” Pelada e de sapatos de salto, Kninana tremia e procurava olhar de soslaio para o cabo prateado de uma faca colocada entre o cinto e a bombacha daquele homem magro, cujos cabelos pretos eram presos por uma fita marrom. De alguma forma, sabia que o nome dele era Pedro Santa Maria. De

repente, estava a correr ao lado dele. Daquele jeito, pelada e de sapatos de salto. “Degola só é boa de sangue quente, sangue quente do degolado e do degolador”. Kninana, em desespero, tentou alcançar o cabo prateado... Azar! Uma mão forte segurou seu pulso. No chão, com o tórax para cima...Saltei para o corredor, deduziu, para escapar da facada.

Baixou um pouco mais o encosto da poltrona e gemeu em pensamento: só pode ser sonho da Kninana. Quando você menos espera, surge uma louca dentro de você... até em sonho. Pedro Santa Maria?! Só porque estou viajando para Santa Maria...

Pessoas olham assustadas para mim. Começo a viver a solidão do louco. Não adianta negar. É a verdade. É a terrível verdade! Tentou baixar ainda mais o encosto da poltrona, já estava no máximo.

Em Santa Maria, muito calor.

Demorou no banho. Seus pensamentos se voltavam para o pesadelo que tivera no dia anterior.

Vestiu uma blusa branca de malha, uma saia justa bege, um pouco acima dos joelhos, e sapatos de salto alto e bico fino novos, comprados naquela tarde. Adicionou brincos prateados de argolas grandes. Dos meus pais, nem sei quem foram eles, recebi a herança biológica de ser bonita. Vantagem? Que vantagem?! Desde adolescente enfrento machos que querem me *matar*.

Bem perfumada, deixou o hotel e, como era cedo, passeou pela Primeira Quadra. Acabou na praça, num banco situado na frente do Clube Comercial.

Apoiando os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos, entregou-se a amargos pensamentos. A Maiara morrera quando ela ainda estava na China. Mas a Maiara... não fora sua mãe... bebia... trocava de homem quase de mês em mês... apanhava de alguns... Não sei o

que foi a Maiara na minha vida, concluiu. Os homens dela, uns quantos, tentaram me agarrar...

Encostou suavemente a cabeça sobre a guarda do banco. Notando algo saliente, deslocou a cabeça um pouco para o lado.

- Você não compareceu à segunda janta – reclamou Claudião após entrarem na Galeteria Augusto.

- Havíamos combinado outra janta?

- Há um mês, mais ou menos.

- Então, esqueci.

Esquecera mais, muito mais. De que os olhos dele, via-os de perto, eram castanho-escuros, assim como seu cabelo. De que não se barbeava todos os dias, talvez para compensar o rosto de menino.

A conversa versou sobre banalidades. Contou do pesadelo com Pedro Santa Maria.

- Um degolador! – afirmou ela.

- Conheço esse cara! – brincou Claudião.
- É médico aqui em Santa Maria. Especialista em cabeça e pescoço. Mais em pescoço.

Riram.

O garçom trouxe os galletos na brasa.

Principiou a chover forte, as luzes piscaram, relâmpagos, trovões. Ouviu-se choro de crianças vindo de uma mesa próxima. Um homem jantava com duas filhas, de uns sete ou oito anos, pareciam gêmeas, e com um menino de uns cinco anos. Desajeitado, não conseguia acalmá-las. Um copo caiu ao chão e quebrou.

Claudião foi em socorro. Kninava sorria ao vê-lo correndo por entre as mesas imitando um cavalo: em cada braço uma menina, o menino na garupa. Acabou ajudando o pai a levar as crianças para o carro.

Sua empresa em Livramento fora assaltada, comentou Claudião. Era engenheiro mecânico e proprietário de uma pequena oficina para tratores.

- Sobrou bastante coisa. Não é assunto para agora... Me sinto nas nuvens em jantar com uma mulher tão linda!

De volta a Marau, Kninana vendeu alguns sapatos. Os doces de Pelotas? Deu todos para as crianças da vila.

NA PRAÇA

- Um creme de limpeza – murmurou Kninana defronte ao espelho.

Terrível! Se chocar no mar com um barco à deriva! Terrível! Os barcos abandonados navegam a favor das correntes, deduziu enquanto massageava o rosto. Aquele do Maligno Malvado nunca retornou à costa. Uma lancha a toda velocidade... e bum! Desastre terrível!

- Agora é a vez da base.

Consultei o psiquiatra... riam de mim... chateada, não dormia. Graças ao sonífero estou viva. E um cara está morto. Peixes devem ter devorado o corpo.

- Onde está o delineador? Uma sombra verde para combinar com os olhos. Rímel! Gosto de cílios grandes.

Se apresentou como agente de modelos.

- Exagerei no rímel... azar!

Expus minhas coxas a seus olhos enquanto tomávamos whisky. Até um beijo na boca... Cabelos escuros de raízes fortes... homem bonito. Claudião não havia me pedido em casamento. Podia ser uma oportunidade.

- Contorno nos lábios. Um batom discreto, nada mais.

Na saída da baía de Itapema, em mar aberto, o Malvado Maligno cometeu a imprudência de me dizer: “Para ingressar na minha agência de modelos, você terá de prestar favores sexuais”. Na hora o apelidei de Malvado Maligno! Em pensamento, claro.

Dei nele o beijo da morte. Por quê? Poderia ter feito o que fiz sem beijo da morte. O sonífero no copo dele... Bebeu! Malvado Maligno... carta fora do baralho. Quer dizer, fora do barco. Bocejou. Bocejou de novo. De repente, arregalou os olhos. “Demônio de mulher”, disse sonolento. Um empurrãozinho e afundou.

Eu, temerosa, olhando para todos os lados. E se ele saltasse da água?

- Só falta colocar o vestido.

Não consegui manobrar o barco. Voltei a nado... eu nadava com os guris da vila no lago da pedreira. Ainda bem.

Penso como se estivesse contando para alguém... Para minha mãe fantasma? Meu pai fantasma? Se fosse para a Maiara ela já teria me mandado calar a boca. Para a professora boa que um dia foi embora para sempre?

- Antes da cerimônia, é fato mesmo que a vida passa como um filme na cabeça da gente – suspirou.

O corpo nunca será encontrado, os peixes comeram. O barco... peixe não come barco. Come?

Na calçada, indo embora do hotel, vi crianças mergulhando... A piscina desse hotel fica no segundo piso, sobre o hall de entrada. A parede que dá para a rua é de vidro. Sol? Solis?

De nervosa, não guardei o nome do hotel. Se lembrasse iria passar lá a lua-de-mel.

Satisfeita com a maquiagem, Kninana decidiu aguardar a cerimônia defronte à igreja, na Praça Independência.

Com tempo para pensar, buscava na memória conselhos bons. “Pare de procurar e encontrará”. Lembrou-se de outro ouvido não sabe mais onde: “Deseje que aconteça aquilo que acontece”.

Viu o padre vindo de moto pela Avenida Júlio Borella e estacionando bem defronte ao banco onde ela estava. Quando ele a beijou, os lábios, sem quererem, se tocaram.

- Quer dar uma volta na minha Tomahawk? – brincou.

O beijo do padre pegara mesmo a pontinha dos seus lábios...

A igreja lotava por se tratar de casamento comunitário, dezenas de casais trocariam alianças. Não pelo casamento humilde da Nana. Sim, Nana porque Kninana não é

nome de mulher casada. De agora em diante, sou Nana.

Seu Pinheiro! No fundo da igreja. Bem grisalho. Aposentou-se da polícia? Não fosse ele, teria sido presa numa daquelas minhas loucuras, lembrou. Ora, brigar de soqueira! Absurdo! Ele pagou a funerária por ocasião do enterro da Maiara, nunca vou esquecer. Soube que Seu Pinheiro se tornou espírita.

A cerimônia passou voando.

Na escadaria da igreja, abraçada a Claudião e rodeada pelos parentes e pelos convidados dele, porque dela não havia nenhum, participou da foto coletiva estampando um imenso sorriso.

NA FESTA

A festa do casamento de Nana se fazia num cantinho do restaurante. Havia outra, bem maior, com piano e pianista.

Amanhã iriam para Livramento. Quisera o casamento religioso na sua cidade. Por quê? Se nem tivera a quem convidar...

A Maiara havia morrido quando Kninana estava na China. E, convenhamos, no tempo em que vivera em sua casa, mais a atendera do que fora atendida por ela. Mesmo pequena, quantas vezes teve de ir na farmácia para Maiara? Quantas vezes teve de fazê-la cheirar álcool para se recuperar de desmaio? Quantas vezes teve de se esconder em cima da árvore dos fundos para escapar da brabeza infundada de Maiara?

O colégio, nos poucos anos que estudou, foi mais ou menos bom. Havia uma professora amiga que foi embora para sempre. E com a turma da vila? Ora, só na base da porrada! De brigar com pedra na mão!

Convidar quem para o casamento? Pensou no Seu Pinheiro, mas seria forçado, mal e mal o cumprimentava. Em que casamento estava Seu Pinheiro? Devia tê-lo procurado na igreja...

Nana, quieta, observava. A mãe do Claudião sorria. A tia também. E os dois casais amigos dele, escutavam o piano do casamento ao lado.

E o Claudião? Pobre do Claudião, pensou. Casar com uma Kninana.

O pianista depositou a taça de vinho sobre o piano e pediu silêncio. “A vida é bela! É mais que bela! A vida é!” Tomou mais um gole de vinho e continuou: “Em homenagem à vida... de Ravel... *Concerto para a mão esquerda*”.

Se o coitado do Claudião soubesse do Magrão... do Malvado Maligno... do posto em Passo Fundo...

Mudei! Sou a Nana! E Nana é meiga, tolerante e submissa. Nana dá para o marido de manhã, de tarde e de noite. Do jeito que ele

quiser. É mulher dos sonhos. Claudião é um homem de muita sorte. Como casou bem o Claudião!

E se a sogra não gostar de mim? Se o Claudião fechar os olhos para mim? Na solidão, sofro, mas sobrevivo. Meiga, entregue a um homem, de guarda baixa...

Bem sei como é a vida de uma mulher... Desde pequena, eu sei. Quando naquele posto de gasolina me chamaram de Kninana, me identifiquei com o nome.

Um dos homens da Maiara quis me estuprar. Eu, treze anos, já era Kninana, só não me chamava assim. Cravei a faca na coxa dele. Da janela sem vidro, vi o malvado pulando numa perna só rua afora. Aquela faca foi com ele. Corri na cozinha e peguei outra. Continuei sempre dormindo com uma faca embaixo do travesseiro. Mas não é o momento para lembrar das outras tantas vezes que precisei dela... do fim que dei em muitos muito machos. De tanto precisar, desenvolvi certas habilidades.

Continuo dormindo com a faca... Disso não abro mão! Claudião ainda não sabe. Melhor contar já. Se ele reclamar, eu levanto e grito “por quê, porra, eu nunca acho um cara com pau grande de verdade?!”

Claudião deu risada.

- Não acha assustador sua esposa dormir com uma faca embaixo do travesseiro?

- Nana, meu amor, eu durmo com um trinta e oito cheio de balas embaixo do meu travesseiro. Hábitos! Todos temos hábitos!

Claudião, o apaixonado Claudião, recebeu um beijo profundo de sua esposa e exclamou:

- Puxa! Ninguém nunca me beijou assim tão... tão profundamente.

Achei o cara! Finalmente achei! Nana ficou alegre.

Vou me aproximar da mãe dele, da tia, desses amigos. Tolerante, submissa, jamais vou revidar uma grosseria, uma agressão, suspirou Nana.

Me engana que eu gosto, de pronto reagiu Kninana! Ninguém abre mão de habilidades aprendidas. Sempre saberei ser um demônio de mulher!



[Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



Textos considerados bizarros são publicados, vez ou outra, na Semiotex(e), revista literária de New York. Marginais à literatura formal, já foram denominados de Frenéticos ou Sci-Fi radicais quando sobre ficção científica. Não formam um novo gênero nem um sub-gênero literário. Une-os seu poder de atração: quem começa não mais consegue parar de lê-los. **Demônio de Mulher** é um desses impuros. Sua inspiração vem do clássico **The Frankenstein Pênis** de Ernest Hogan.

